

B

N.º 132.563

R.º

1145

A

CONQUISTA DE COIMBRA
DRAMA EM QUATRO ACTOS

BASEADO NA HISTORIA DE 1063 A 1064

POR

Antonio Francisco Barata.



COIMBRA
IMPrensa LITTERARIA
1862



Filipe dos Santos

EVORA FEB. 2269

B

N.º 45 132.563

A CONQUISTA DE COIMBRA

F. Augusto Peto

DRAMA EM QUATRO ACTOS

BASEADO NA HISTORIA DE 1063 A 1064

POR

Antonio Francisco Barata.



*Ms.
Littera: L. T.*

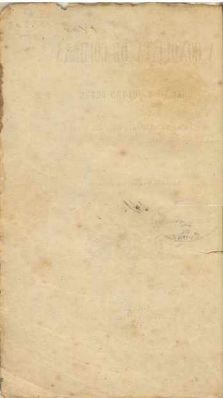
-5 MAR 1979



OFERTA

Coimbra

COIMBRA
IMPrensa LITTERARIA
1862





AO

ILLUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR

EZEQUIEL DE PAULA SÁ PREGO

O. D. C.

Antonio Francisco Barata.

LEONEL DE PAULA SA PREGO

O. D. D.

Small, illegible text at the bottom of the page.

PERSONAGENS

O REI DE COIMBRA.

ABBADE DE LORVÃO.

CONDE D. SESNANDO.

RUY DIAS DE BIVAR.

XIMENA, captiva do Rei.

FR. BERNARDO DA ANNUNCIAÇÃO.

OMAR, confidente do Rei.

Um Porteiro do Mosteiro de Lorvão.

Um Embaixador de Castella.

Dous mouros.

2.º e 3.º Soldados.

Monges de Lorvão, Soldados Christãos e Mouros,
e a Côrte do Rei.

A acção passa-se em Coimbra e Lorvão

De Janeiro de 1063 a Julho de 1064.

Depois enviou-lhe a Athenobio, hum dos seus confidentes, para tratar com Simão, dizendo-lhe da sua parte: Vós tendes entre vossas mãos a Joppe, e a Gazara, e a Fortaleza que está em Jerusalem, que são Cidades do meu Reino:

Tendes assolado os seus termos, e fizestes grande destroço no paiz, e levantastes-vos com o senhorio de muitos lugares no meu Reino.

Agora pois dai para cá as Cidades que tomastes, e os tributos de differentes lugares.....

.... d'outra sorte, nós iremos, e vos faremos guerra.

MACCABEOS L. 1, CAP. XV.

A CONQUISTA DE COIMBRA.

ACTO I.

Sala rica ao modo oriental. Á esquerda do espectador sôbre um coxim de escarolata está assentada Ximena. Á direita um throno regio. Porta ao fundo: portas á direita e á esquerda. Ouve-se la dentro um bandolim.

SCENA I.

XIMENA (*depois que o bandolim deixa de tocar*).

Pobre de mim, coitada! que nem ja me-apraz ouvir essas toadas! talvez que este livro... (*Toma um livro e le*). « Tudo o que está nos ceus envia louvores a Deus. Deus é poderoso e sabio. O imperio dos ceus e da terra pertence-lhe. Todas as cousas para elle voltam. Elle faz ao dia succeder a noute e á noute faz succeder o dia. (*Detem-se*). « Elle bem sabe o que vai nos corações. » (*Fallando*): Sabe, sabe porque o seu poder não tem limites. Grande Deus! pelo santo amor que Jesu-Christo consagrou aos homens fazei que eu veja ainda a linda terra em que nasci, e que, livre d'estes ferros que ha tanto me-opprimem eu abraçe o querido da minha alma por quem tenho chorado tanto... (*Tomando o livro*). « Deus é pai dos que crêem: elle os fara passar das trevas á luz. » (*Fallando*). Eu creio, Deus bondoso, eu creio e espero; mas ja tres dias se-passaram sem que eu visse um rosto amigo! Nem elle, o meu anjo da guarda, nem esse me-vem ver...

SCENA II.

XIMENA E O REI

REI. Seja Allah com teus encantos, bella captiva.

XIMENA. Deus vos-guarde, Rei de Coimbra.

REI (*amoroso*). Que livro é este ?

XIMENA. É o vosso Alcorão.

REI. O Alcorão ! os preceitos do teu Christo ainda se te não vedaram, Ximena.

XIMENA. Leio tambem muito o vosso livro porque acho 'nelle poderoso allivio para o meu coração que tanto soffre.

REI. Soffre muito porque tu o queres, Ximena ; porque desprezas o amor ardente que por ti sinto, porque julgas que o coração do mouro é menos capaz de grandes sentimentos do que aquelles que nutre um coração hespanhol ! Enganas-te, Ximena ! A ardencia do sangue que me-corre nas veias criou-a o deserto na sua amplidão ! La, independente e livre como o vento da tarde, admirando o Creador no solo abençoado e nos palmares floridos, queimado pelo sol abrasador que aqui não ha, senti bem novo bater o coração estranhamente ! Respirando o ar embalsamado do deserto senti-me embriagado por elle, fui homem antes do tempo ! (*Apaixonado*). Amo-te muito, Ximena ! Olvida o homem que me-prende a ventura, e tu veras se o coração do mouro te não dá amores ! Tu veras que o descendente de Abrahão não é menos digno de ti (*sarcastico*). do que o nobre oriundo da raça Ibera !

XIMENA. Mas, senhor, não vêdes que uma christã não pode ser de um mouro-sem renegar ? Não vêdes que eu seria duas vezes perjura se correspondesse ao vosso amor, porque trahia a religião de meus páis e o homem que la me tem o coração ? ! Rei de Coimbra ! para sempre vos-peço que vos-esqueçais de mim, que me não torneis a fallar por esse modo, que olvideis a captiva que vos não pode pertencer.

REI (*apaixonado*). Nunca te-esquecerei. Ximena ! Viver sem ti não pode o mouro. Porque se me-faltasses, agora

mesmo que me não amas, agora que estou acostumado a ver-te todos os dias, a fallar-te, a ouvir a tua voz celeste, Ximena... (*Quer abraçal-a*).

XIMENA (*repellindo-o com toda a dignidade d'uma virgem christã*). Senhor...

REI. Agora, formosa dona, causarias a minha morte.

XIMENA. Santo Deus ! que tormento o meu ! Captiva e desventurada ha tanto tempo em vossos paços, quereis agora por mim sacrificar o vosso viver tão cheio de encantos, na mais linda quadra da existencia ? ! Por piedade, esquecei-me, senhor.

REI (*como resignado*). Não te-esquecerei. Se maos preconceitos religiosos te-obrigam a uma inabalavel firmeza em tuas crenças ; se por isso não queres o puro amor que te-offerta o mouro ; se a affeição que tens a outro homem te-manda ser cruel comigo, mal de ti, Ximena ! Porque o meu amor, converter-se-a então em odio eterno a ti e aos teus ; e, captiva do mouro, d'elle seras contra tua propria vontade...

XIMENA (*cahindo-lhe aos pes*). Piedade, senhor, piedade !... (*Á porta do fundo apparece o Abade de Lorrão*).

SCENA III.

OS MESMOS E O ABBADE

ABBADE (*adiantando-se*). Deus seja com o poderoso Rei que tem a seus pes um anjo do ceu. É talvez a liberdade que vos-implora a linda captiva ? (*Ximena ergue-se*).

REI. Assim é, monge negro ; mas tu sabes bem que lh'a não posso dar.

ABBADE. Porque não quizestes acceitar o contracto que se-vos-propoz. Dai vós liberdade á christã e ficai bem certo que Fernando Magno vos-manda soltar o homem que la tem.

REI. A desconfiança é uma terrivel cousa, monge : por que heide eu entregar aos christãos Ximena antes que elles

me-soltem o desgraçado prisioneiro ? Abbade de Lorvão ! pela Kaaba te-juro que tal não farei.

ABBADE. Mal fazeis com isso Rei de Coimbra. Desconheceis por ventura as vistas que Fernando Magno, o famoso Rei de Castella, tem sôbre esta cidade ? Não conheceis o seu poder ? Não sabeis que Ruy Dias de Bivar é um querido seu, e que...

XIMENA (*interrompendo-o*). Meu thio... (*baixo*).

ABBADE (*completando de differente modo*). E que o vosso throno pode ser abalado pelas hostes Castelhanas ?

REI (*desconfiado*). Estranha prophecia !.. Acaso o Abbade de Lorvão que tanta confiança tem inspirado ao Rei de Coimbra...

ABBADE (*interrompendo-o*). Nunca, poderoso Rei : essa confiança não foi por nós em tempo algum pretexto para falsidades e traições. Attestão-no largos annos de experiencia e conhecimento que de nós tendes ; e não seria sob a roupeta que nos-cobre onde se-occultasse o punhal traiçoeiro.

REI. Não quero que te-agastes, D. Abbade, mas prophecias taes na bocca de um amigo...

ABBADE. Tendes razão. Mas sendo a posse de Coimbra de grande proveito para os christãos, não vos-deveis admirar que a Fernando Magno lembre a conquista d'ella.

REI. Não pode ser, monge negro. O poderoso Rei de Castella não quererá expor suas tropas a um cerco aturado, que nem sequer a esperança lhe-dara de um fim propicio. E demais, Fernando Magno conhece bem o valor dos meus, e não ignora de que grossura são as muralhas que me-defendem.

ABBADE. Quanto ao vosso poder, respeitavel é elle, senhor : mas vós sabeis que as forças de Fernando Magno se podem medir bem com as de Cide Arabum Arabe. (*Com mysterio*). Que o não permita o ceu !..

XIMENA (*para o Rei*). Se consentis, senhor, retiro-me.

REI. Pois não, se assim o quereis...

XIMENA (*para o Abbade*). Até breve, Abbade ; hoje mais do que nunca preciso das vossas predicas religiosas e dos vossos conselhos. (*Sai*).

SCENA IV.

OS MESMOS MENOS XIMENA.

REI (*um pouco desconfiado*). Parece-me que tomas certo calor nas cousas de Castella, Abbade de Lorvão ..

ABBADE. Não vol-o posso occultar. Se a tomada d'esta cidade é de grandissimo proveito para a christandade, porque não devo eu, ministro do altar, soldado d'essa cruzada santa em que têm expirado tantos martyres; por que não devo eu, senhor, tomar calor 'nellas? Mas, se por um lado os preceitos da minha religião me-apontam o dever de punir sempre pelo seu augmento, tambem me-dizem que não devo querer o mal alheio. E, bem vêdes, poderoso Rei, que se Coimbra cahisse em poder de Fernando Magno o vosso mal seria inevitavel.

REI. Seria inevitavel, dizes tu, o mal ou a desgraça do Rei de Coimbra. Não o-sera, monge negro! (*Tomando algum calor*). Não, porque este braço sabe brandir uma adaga; e antes que Fernando Magno me-chamasse vencido e visse tremular 'nestas muralhas de Coimbra o seu pendão, teria primeiro de passar por cima de muitos cadaveres, que, antes que o fôsem caro fariam pagar aos teus a victorial! E, Cide Arabum Arabe, monge, trocaria voluntariamente uma vida cheia de desgosto pelo descanso da eternidade. Abbade de Lorvão! antes morto do que vencido!

ABBADE. Nobres são os vossos desejos, gracioso Rei, mas, queira o ceu que a mais bemfazeja amiga do homem, a paz em que vivemos, não seja turbada agora pelos inimigos do crescente... (*Ouvem-se ao longe os sons de uma trombeta*).

REI (*escutando*). Parece-me ouvir uma trombeta; não a ouves, Abbade?

ABBADE. Assim é; e se me não engano de christãos é ella.

REI (*inquieta*). Sabel-o-ei. (*Quer sair*). Ficas, Abbade?

ABBADE. Pois que vossa captiva tem necessidade de minhas palavras, se o consentis, fico. (*O Rei sai*).

SCENA V.

O ABBADE E DEPOIS XIMENA.

XIMENA (*um pouco apressada*). Que é isto meu thio?!

ABBADE. Silencio! não me chames thio...

XIMENA. Mas, que significa uma trombeta christã em terra de mouros?! que nova temos?

ABBADE (*com mysterio*). Em breve o saberás: não convem fallar muito porque nos-podem ouvir.

XIMENA. Mas...

ABBADE (*depois de olhar em volta*). Dá graças ao Altissimo! (*Omar, deita a cabeça, ao fundo*). Vais ser livre! Fernando Magno de Castella marchará em breve sôbre Coimbra com um poderoso exército, e com elle vira... virá quem nós sabemos... (*Com muita bondade*). Está bom. (*Omar, espreita*). É preciso ser discreta e não taramelar. Eu vou á egreja de S. Thiago mas não tardarei. (*Sai*)

SCENA VI.

XIMENA (*so*). Bem fiz eu em crer em ti, Deus de misericordia! bem fiz eu em confiar muito no teu poder! Vou finalmente ser livre, vou ver o meu Ruy! Bem hajas Fernando Magno de Castella, por vires sujeitar a formosa Coimbra á cruz do Redemptor!

SCENA VII.

XIMENA E DEPOIS OMAR.

OMAR. Gentil senhora, fazeis muito mal em dar assim largas á vossa alegria. Pois não sabeis as ordens que tenho? Não sabeis que me-encarregaram de vos-guardar, tomando conta nas vossas mais curtas palavras, no vosso semblante, em tudo que vos-diz respeito? Que estou incumbido de

não deixar entrar aqui pessoa alguma que não seja o Abbade de Lorvão, ou algum monge de seu mosteiro?

XIMENA. Ai! perdão! A confiança que vós me-inspirais é quem tem d'isto a culpa, é quem vos-deve responder.

OMAR. Senhora, mas não vos-lembrais que pode ser fementido o meu proceder com a escrava christã?

XIMENA. Não é: leio-o em vossos olhos: vós compadeceis-vos de mim, e não é fingidamente, não. Se não fôra demasiada confiança minha... diria que o baixo mister que exerceis não é por vossa vontade, diria...

OMAR. Calai-vos, senhora. Não vim para vos-pedir esclarecimentos a meu respeito, nem da vossa parte ha direito algum de tratar da minha pessoa. Sou um homem que, ás ordens do Rei de Coimbra, vos-observa e guarda, senhora. E, se em vez de contar ao Rei o que ora vos-ouvi, venho advertir-vos, é porque os cabellos brancos que vêdes têm muito amor ainda á mocidade! é por... está bom, é porque sou uma fraca creatura... (*Escuta*). Ouçô rumor; talvez seja o Rei. Eu corro ao meu posto, e vós (*com muita bondade*) sêde cautelosa. (*Sai pela esquerda*).

SCENA VIII.

XIMENA E DEPOIS O REI.

REI (*entrando pelo fundo*). Tu, querida Ximena! (*Com semblante pouco prasenteiro*). Aonde está o Abbade? saiu ja?

XIMENA, Saiu ja, mas disse-me adeus até breve.

REI. Pois sim, mas deixa-me que preciso estar so. (*Ximena sai pela direita*).

SCENA IX.

REI (*so*). Tão cedo o não esperava eu... este monge de Lorvão, este monge... (*Pensa*). Annunciou-me ha pouco a provavel marcha sôbre Coimbra do exército Castelhana...

é mysterioso em suas palavras... (*Baixo*). Eil-o ahi vem, dessimulemos. (*Alto*). Esperava-vos D. Abbade. (*Vai-lhe ao encontro*).

SCENA X.

O REI E O ABBADE.

ABBADE. Não me-é dado, poderoso senhor, adivinhar vossos desejos, se não mais cedo houvera chegado. Ordenai.

REI. Então sabes a nova que temos?

ABBADE. Ainda não, senhor.

REI (*com intenção*). Julguei que terias ido colher informações: ouviste como eu o toque da trombeta...

ABBADE (*com apparente firmeza*). Fui á egreja de S. Thiago.

REI. Pois sabe que temos ahi um Embaixador de Castella.

ABBADE. Um Embaixador de Fernando Magno?! E que embaixada vos-traz elle?

REI. Não sei, Abbade, por que não estou inclinado a dar-lhe ouvidos.

ABBADE. Mas, senhor, olhai que mal fazeis á vossa mesma causa. Não queirais exasperar a colera de Fernando Magno.

REI. É então paracer teu que receba o Embaixador de Castella?

ABBADE. Meu parecer, verdadeiramente não, porque o Abbade de Lorvão não é o Rei de Coimbra.

REI. Mas se o fôsse, monge?

ABBADE. Se o fôsse, receberia bondosamente o Embaixador que ahi está, e dar-lhe-ia aquella resposta que a sua propria mensagem me dictasse, não sendo nunca contra as leis da honra o seu espirito.

REI. Acho sempre bom siso em teus conselhos. Attenderei o Embaixador de Castella. Eu vou mudar de vestes, e tu, abbade, se t'o não vedam mais altos encargos quero tambem que assistas. (*Sai*).

SCENA XI.

ABBADE (*so, e depois de observar se é visto ou ouvido por alguém*). Vai, vai mudar de vestes, Rei de Coimbra, para enfeitado lavrares a tua final sentença! A tua resposta á mensagem de Castella não pode ser favoravel, mas ai de ti, mouro, em breve desthronado pelas hostes Castelhanas!

SCENA XII.

ABBADE E OMAR.

OMAR (*que tem entrado sem o Abbade o presentir*). Olhai que vos-podeis enganar, D. Abbade. (*Dá-lhe uma leve pancada no hombro*).

ABBADE (*estremecendo, voltando-se e, baixo*). Maldicto sejas... (*Alto*). Talvez. Mas quem és tu que espias as minhas palavras?

OMAR (*com socego*). Um homem que tem em seu poder a vida do Abbade de Lorrvão.

ABBADE. Não te-comprehando.

OMAR. Eu me-faço perceber. A falta de cautela é o vosso algoz. Não sabeis que o meu logar são estas salas? (*aponta para o fundo*) e que eu sou obrigado a dar conta a El-Rei meu senhor do que se-passar sob a minha vigilancia? Não vos-lembrastes que eu vos-podia denunciar, como traidor, áquelle que vos-podéra ter fechado as portas de Coimbra, e que agora vos-pode mandar degolar?

ABBADE. Mas, da minha parte não ha traição alguma. Nas palavras que ora me-ouviste revela-se unicamente um presentimento...

OMAR. Assim pode ser; mas estou certo que vos não darão credito.

ABBADE (*offendido*). A ti é que t'ó não darão. Seria muito para admirar que as palavras do velho Abbade de Lorrvão fôsem tidas em ma conta pelo Rei de Coimbra—Não pode ser.

OMAR. Pode ser, pode. De vós ja desconfia meu poderoso Rei, e, uma so palavra minha, agora, far-lhe-ia abrir de todo os olhos. E, vêde bem, senhor monge, que se a vossa idade e esses cabellos brancos têm jus a que a mocidade lhes-dê credito; talvez a mesma idade, e estes cabellos brancos como os vossos, á mesma veneração têm direito! (*O Abade estremece*). Mas, não vos-assusteis; serei franco convosco como ja o fui com vossa sobrinha. Tranquillizai-vos e dizei-me:—quereis Coimbra em poder dos christãos?—Se assim é, não bastam aguerridos soldados e um forte capitão; é preciso mais alguma cousa; e essa, so eu vol-a posso dar.

ABBADE (*considerando-o mais*). Não sei se deva... confiar em vós e perguntar-vos...

OMAR. O habito não faz o monge. Eu bem sei que o exército de Fernando Magno não fara derruir as fortes muralhas de Coimbra; nem o ferro de suas portas é de ma tempera para que possam ser feitas pedaços por seus robustos soldados. O que precisais, Abade de Lorvão — são as chaves de suas portas — e essas, so eu vol-as posso dar.

ABBADE. Mas, quem sois vós?

OMAR. Um homem que pede licença para occultar seu nome.

ABBADE. Mas...

OMAR. Avalio bem a vossa desconfiança. Ora pois, em breves palavras: — se vos-interessa a conquista de Coimbra acceitai os meus serviços, tomai esta chave, (*tira do peito uma chave que lhe da*) guardai-a para vos-servir em oportuna occasião. Mas, se não appetiteis o bom exito da empreza guardai silencio a tal respeito, senão — tremei —!

ABBADE. Nem uma palavra.

OMAR. Agora, jurai-me que haveis de guardar sigillo, escrevendo por vossa mão 'neste pergaminho o juramento que fizerdes.

ABBADE. Eu o-juro.

OMAR (*tirando do peito um pergaminho*). Escrevei.

ABBADE (*depois de escrever*). Agora...

OMAR. Agora, adeus! Para aqui se encaminha o Rei

com a sua côrte; eu saio. (*Dá alguns passos para sair, mas retrocede*). Por mim sereis informado em Lorrão do que se passar em Coimbra. Lembrai-vos das minhas palavras — Coimbra so eu vol-a posso dar — silencio a tal respeito, senão ! — tremei ! — (*sai*).

SCENA XIII.

ABBADE E O REI DE COIMBRA COM A SUA CÔRTE.

(*entram, tomam logares etc.*)

SCENA XIV.

OS MESMOS, A CÔRTE DO REI E O EMBAIXADOR.

EMBAIXADOR. Ao mui alto e poderoso Rei de Coimbra, Cide Arabum Arabe, saude, paz e amor envia o mui forte invencivel Rei de Castella e Aragão, Fernando I, e licença vos-pede para por mim ouvirdes o que dictou sua vontade.

REI. Fallai.

EMBAIXADOR. É curta a mensagem. Sendo de summo interêsse para o christianismo a posse da cidade que ora habitais, El-Rei meu senhor, como um de seus mais valerosos defensores, ordenou-me que vos-diga — que lh'a entregueis em boa paz e harmonia, se não que por armas vol-a tomará. Outro sim vos faz saber que, se lhe-entregardes Coimbra, os vossos privilegios e regalias em outra parte viverão comvosco.

REI (*erguendo-se do throno com socêgo apparente*). Dizei a Fernando Magno de Castella e Aragão, que por armas lh'a entregarei.

EMBAIXADOR. É cumprida minha missão. Estamos em Dezembro de 1063; aprestai-vos, Rei de Coimbra, porque o novo anno ja tem de ver a cruz do estandarte de Castella em terras de Coimbra ! (*curva-se para sair*).

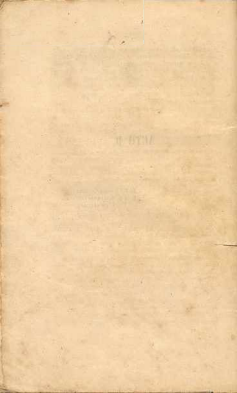
REI (*que tem descido do throno, e com toda a colera*). Em terras de Coimbra o exército de Fernando Magno !

Que venha ! Dizei-lhe que o não teme o Rei de Coimbra, Embaixador ! — e que, se as suas hostes vencedoras trazem cõsigo fama e gloria, aqui virão encontrar o valor, a coragem e o odio como insuperavel barreira ! ide, e dizei-lhe mais, que em quanto Coimbra tiver braços e alphanges não tremularão em seus muros pendões da cruz !

FIM DO 1.º ACTO.

ACTO II.

El-Rei é sobre Coimbra
E os de dentro em confusão.
A. F. DE CASTILHO.



ACTO II.

Casa de espera no antigo mosteiro de Lervão. Porta ao fundo: dá para a rua. Á direita do espectador uma porta com uma sineta, e que dá entrada para o interior do convento. Do lado esquerdo um altar com uma estatua de S. Bento. Toscos assentos de madeira devem guarnecer a scena.

SCENA I.

FREI BERNARDO O E PORTEIRO.

PORTEIRO. Ha oito dias, senhor frei Bernardo, que se-esperam os Castelhanos, e os Castelhanos ainda ca não chegaram. Dir-se-ia que Castella fica la 'num calcanhar do mundo. Mais cedo chegam aqui gentes de Tanger ou Fez. Vou-me acostumando a crer que o poderoso Fernando Magno teme bem os mouros de Coimbra, e que ésta cidade nunca sairá de seu podêr.

FREI BERNARDO. Tal não penso eu. Apenas ha 30 dias que chegámos de Carrion, em Castella, onde fomos, com o pretexto de visitar S. Salvador d'Oviedo, fallar a Fernando Magno, e não me-parece tarde ainda para o seu exercito pisar terras de Coimbra.

PORTEIRO. Tendes razão, frei Bernardo, mas, se não fôra demasiada indiscrição minha, perguntar-vos-ia quaes os

motivos que tanto empenham o Abbade d'este mosteiro na tomada de Coimbra.

FREI BERNARDO. Não ha 'nisso inconveniente. O serviço feito á Christandade, resgatando tão bella captiva moura, para a dar aos christãos, é o mais forte incentivo para que-rrermos a sua posse. Alem disto bem sabeis que Ximena Gomez, a captiva christã, é sobrinha de nosso Abbade e amada do valoroso Ruy Dias de Bivar. Ha dous annos foi apanhada pelos mouros de Sevilha que a-mandaram captiva ao Rei de Coimbra, como refens de um mouro sevilhano que Fernando Magno tem prêso em seus castellos. Ja vêdes os motivos que tem o Abbade de Lorrão para se interessar na conquista de Coimbra, com que espera dar uma linda terra á christandade, liberdade a sua sobrinha e pôr mais um precioso brilhante na coroa d'El-Rei de Castella, Fernando Magno.

PORTEIRO. Bem justas acho eu as razões que allegais; mas receio, senhor frei Bernardo, que as fortes muralhas d'essa cidade se não arredem facilmente de seu pôsto para dar entrada aos soldados christãos...

FREI BERNARDO. Com a vontade abalam-se as montanhas; — e o que não fizerem o valor e a coragem, fal-o-ão a astucia e o engano. Ha um plano combinado com todos os visos de ser infallivel. (*Ouve-se um sino*). O sino toca a vespervas, retiro-me; seja prudente a tal respeito. (*Sai*).

SCENA II.

PORTEIRO (*so*). Um plano combinado com todos os visos de não falhar... veremos; á lerta estarei... (*assenta-se do lado direito, com um livro na mão; com as costas voltadas para o fundo, le:*) — Magnificat anima mea Dominum. Et exultavit spiritus meus in Deo salutari meo — (*ao fundo tem apparecido um homem envolvido em um manto escuro: sem que o porteiro o perceba, entra e crava na porta lateral um pergaminho dobrado, com a ponta de um punhal: volta ao fundo, quando o porteiro assustado se levanta e se volta, e o desconhecido diz:*)

SCENA III.

O PORTEIRO E O DESCONHECIDO.

DESCONHECIDO. Dize ao Abbade d'este Mosteiro que não faltei á minha palavra. (*Sai*).

SCENA IV.

PORTEIRO (*so*). Este homem!... (*estupefacto corre á porta da direita quando alli apparece frei Bernardo*).

SCENA V.

O MESMO E FREI BERNARDO.

FREI BERNARDO. Que foi isto, porteiro?

PORTEIRO. (*reparando no punhal cravado na meia porta que deve estar fechada, e recuando espantado*). Aqui tendes, frei Bernardo.

FREI BERNARDO. Sacrilegio!...

PORTEIRO. Foi certamente o desconhecido que alli me appareceu e assim fallou: (*aponta para o fundo*) — dize ao Abbade d'este Mosteiro que não faltei á minha palavra.

FREI BERNARDO. Chamai depressa o nosso Abbade, porteiro. (*O porteiro sai: frei Bernardo arranca o punhal e le no pergaminho dobrado*):—Ao Abbade de Lorvão—Santo nome de Deus! Que mysterio sera este?... So congregados das trevas costumam corresponder-se assim ... (*pensa*). Quem sabe!? mas...

SCENA VI.

FREI BERNARDO E O ABBADE.

ABBADE (*começando a fallar antes de assomar á porta*). Boas ou más novas, frei Bernardo?

FREI BERNARDO. Achei cravado 'nesta porta com este punhal o pergaminho que vêdes. (*Dalh'o*).

ABBADE (*abre o pergaminho e le em voz baixa; alegra-se-lhe o rosto, e, socegado diz para frei Bernardo*): É mensagem d'amigo, frei Bernardo: deixai-me so por um pouco. (*Frei Bernardo, sai*).

SCENA VII.

ABBADE (*so*). (*Adiantando-se le pausadamente*). «Prometti apparecer e appareci. As hostes de Castella começam a chegar a Coimbra. Embarcai-vos no Mondego e vinde dizer a Fernando Magno o que ja vos-disse a vós: — que acceite os meus serviços para não sujeitar suas tropas a um cêrco provavelmente longo. Prudencia e segrêdo.» (*Falando*). Serei prudente e cumprirei teus desejos e mandados, nobre desconhecido. (*Reparando no punhal*). Mas, que vejo! Meu Deus! Sera este homem que nos quer entregar Coimbra irmão d'esta terrivel ordem?!... (*olhando para a folha do punhal*); — FILHOS DA NOUTE — (*assusta-se*). Que fortes motivos deve ter este desconhecido para assim fazer uma guerra de morte ao Rei de Coimbra! O tempo esclarecerá tamanho segrêdo; agora é mister partir. (*Sai*).

SCENA VIII.

PORTEIRO. Grande mysterio vai aqui!... (*olha para todos os lados*). Um homem que crava um punhal na porta de um convento... Frei Bernardo fallou 'num plano infallivel no resultado, veremos... á lerta estarei. (*assenta-se*). Ora eis-aqui em mim um ser verdadeiramente mysterioso! Sou arabe genuino e christão com mistura de mouro! E o que é certissimo é que eu vou enganando aqui estes monges; como e bebo a mais não poder 'nesta prodiga casa, guardo-lhe a portaria e observo suas manobras. É famosa vida! Mas, que frio que faz! Parece-me que vamos ter muita chuva. (*Ergue-se, vai á porta do fundo, abre-a, olha para o ceu e diz*:). Não ha dúvida, porque os pinheiros d'alem se curvam para o norte. (*Attentando*). Mas, que vejo eu! se me não engano, uma luzida cavalgada vem descendo

pela encosta fronteira!... É certo; são soldados christãos, que na sua frente vejo o pendão da cruz. (*Como fallando consigo mesmo*). Mouro, agora é preciso ser christão; é preciso avisar estes frades. (*Vai á porta da direita, toca a sineta, e volta á do fundo*). Que alegria para este mosteiro se ja fôsem soldados de Castella! (*no momento em que á porta da direita assoma frei Bernardo, volta-se e diz :*). São elles, são!

SCENA IX.

O MESMO E FREI BERNARDO.

FREI BERNARDO. Elles, quem?

PORTEIRO. Vinde ver, frei Bernardo, e deixai entrar 'nesse peito basta alegria!

FREI BERNARDO (*indo ao fundo*). Soldados de Castella! (*pausa*). Não ha dúvida, porque o nosso Abbade já foi avisado da chegada do exercito de Fernando Magno a Coimbra, e para la se-partiu. (*Para o porteiro*). Não podestes conhecer o portador de tal mensagem?

PORTEIRO. Qual conhecer! Apenas lhe vi luzir dous olhos no escuro da capa que o cobria.

FREI BERNARDO. Não é tempo para taes considerações. (*Ouve-se ja perto o tropel da cavalgada*) Chamai a capitulo a comunidade para recebermos o enviado de Castella. (*O porteiro sai, e pouco depois ouve-se no interior do mosteiro tocar um sino*).

SCENA X.

FREI BERNARDO (*so, e abrindo toda a porta*). Podeis entrar, bons cavalleiros: esta casa habituada a ver aqui por cotas e lorigas de malha so roupetas de grosseiro panno, e por armas livros santos e breviarios, folga hoje em receber tão luzida companhia de defensores da sua lei. (*Tem entrado; na frente vem Ruy Dias de Bivar*).

SCENA XI.

O MESMO E RUY DIAS DE BIVAR COM A SUA COMITIVA.

RUY DIAS. Agradeço déveras tão boas palavras, illustre monge. Fazei-me, pois, apresentar ao Abbade d'este mosteiro para quem El-Rei de Castella envia muito saudar. (*Vem chegando alguns monges*).

FREI BERNARDO. Sinto bem que o Abbade d'este mosteiro vos não possa receber agora, senhor cavalleiro, e mais sinto que tenhais de ser recebido por pobres monges que, bom grado seu, muito se honram em tratar com tão gentil enviado e com tão galharda companhia.

RUY DIAS. Nem era de esperar que defensores da cruz aqui não achassem bom acolhimento. Como vos-chamais, senhor?

FREI BERNARDO. Frei Bernardo d'Annunção. E com quem tenho a honra de tratar, joven cavalleiro?

RUY DIAS. Com Ruy Dias de Bivar, senhor frei Bernardo.

FREI BERNARDO. Com Ruy Dias de Bivar?! com o novo e valente guerreiro de Castella?! Entrai, senhor, entrai; e, se para o nosso santo Abbade trazeis algumas credenciais, esta communidade em capítulo vol-as receberá. (*Vão entrando: adiante os monges, de traz Ruy Dias com frei Bernardo*).

SCENA XII.

1.º 2.º E 3.º SOLDADOS, E MAIS COMITIVA.

1.º Na verdade vos digo, camaradas, que so monges de bom viver aqui podiam fundar tal mosteiro.

2.º Nunca de tão bom viver, que não tramem e machinem a quéda de um throno.

1.º É que o pesado e aviltante jugo exercido por esses barbaros nos christãos de seus dominios não pode deixar de revoltar os pacificos e socegados animos d'estes bons

monges. Alem de que, o desejo que têm de agradar a nosso Monarcha fal-os intrometter 'nesta empreza da conquista de Coimbra, se não de um modo directo, com a lança em punho, ao menos sob capa d'amigos, com traças e intrigas, cordão e breviario.

3.º Dizeis que estes monges se mettem na empreza da conquista de Coimbra, com machinações e intrigas, e eu quasi vos podia affirmar que elles so contribuirão com bons desejos. Acaso não sabeis o que se disse em Castella, antes da nossa marcha sôbre Coimbra?

1.º Certo que o sei bem. Diziam que Fernando Magno de Castella havia resolvido vir sôbre o Mondego, persuadido ou aconselhado para esta empreza da conquista de Coimbra por um tal Sesnando, que fôra wasir do Rei de Sevilha, Ibn-Abed, e que dera similhante passo este homem, por desejos que nutria de vingar uma grande offensa que os mouros fizeram á sua familia. Mas ninguem sabe rigorosamente quem elle é, que affronta foi a que recebeu sua familia, nem quem foi o offendido.

3.º Sabeis o que eu sei.

1.º Mais ainda. Não vos recordais de ouvir dizer que se tinham visto dous mysteriosos frades Bentos em Carrion, e que a apparição d'elles provocára graves desconfianças, sem contudo pessoa alguma designar o fito a que miravam estes monges?

3.º De tal não sei.

1.º Pois, companheiros amigos, eram esses monges desconhecidos dous monges negros de Lorvão, do mosteiro em que nos achâmos.

3.º E então?

1.º Explicado tendes o por que vos-disse, que, sob capa d'amigos do Rei de Coimbra, os monges de Lorvão lhe preparavam occultamente a quêda inevitavel.

2.º E virá com o nosso monarcha esse tal Sesnando?

1.º Vem. Porque, se bem informado sou, o tal é coimbrão; e nas formosas terras, que lava o Mondego, tem elle um velho parente com quem se corresponde, e que, de commum acôrdo trabalha para o resgate da mais bella cidade captiva de mouros — Coimbra.

3.º (*para o 1.º*). Essa affronta seria feita ao velho, ou ao proprio Sesnando?

1.º (*enthusiasmado-se*). Foi feita ao velho.. Pobre velho! que tão cheios d'amargura são os teus ultimos dias!... Tu, que sempre pisaste a boa estrada da honra, tu, martyr do dever, mal dirias quando a mocidade te-sorria encantadora que a tua última quadra de vida seria de tanto desgosto, tormentosa e cruel!... Pesado veu do futuro, quem te podéra erguer uma so dobra! (*como disfarçando o enthusiasmo que tomou*). Perdão, camaradas; dizem que a injúria feita ao velho reflectiu tambem no moço; que, pai, irmão e filho foram offendidos; que a divida é de honra, e que como tal se-ha-de pagar.

3.º (*desconfiado*). Pareceis conhecer bem esse Sesnando..

1.º (*sem attender, e proseguindo*). Ha offensas que não esquecem como nodoas indeleveis que nem os seculos apagam. David, o rico e opulento mozarabe de Tentugal, o homem que sempre combateu pela cruz sem odiar os crentes das meias luas, o homem para quem honra e liberdade foram fanaes a seus desejos no apertado caminho do dever, o homem que fazia consistir toda a sua ventura no sagrado idolatrar de sua mulher e de seus filhos; esse raro exemplar de sãs virtudes viu entrar um dia em sua casa a desgraça. O rico mozarabe, David, senhor de Tentugal, tinha um irmão. Mais novo do que elle, teve a infeliz lembrança de amar uma donzella moura, votada pela despota determinação do Rei de Coimbra á vil condição de sua concubina. A donzella moura vivia ainda com seus pais quando o christão a amou e foi amado por ella. Chegou o praso fatal em que o Rei de Coimbra mandou abrir as portas de seu harem para nellas entrar mais uma víctima. A donzella não quiz obedecer á ordem régia, e soube El-Rei de Coimbra, que, um christão de seus dominios a prendia pelo coração. Desventurados amantes! Ella, arrebatada dos braços de sua familia por vis mercenarios, lá foi ser rainha de um momento nos serralhos do Rei; e elle, depois de ver por uma sentença iniqua confiscados seus bens, viu fugir-lhe para sempre a liberdade, que deixava em seu logar uma cruel e completa escravidão, em terras da mauritania!...

2.º E nunca mais houve noticias d'elle ?

1.º Passados annos ca vieram novas do captivo.. e tristes que ellas foram !.. Foi a sua última vontade que nos-trouxe um liberto a pêso d'ouro—David, amanhã ja não viverei.. sinto acabar-se-me o captiveiro... tenho a morte a meu lado... adeus! vinga o martyrio de teu irmão...

3.º É então o velho David de Tentugal que quer vingar a offensa feita a sua familia, machinando a ruina do Rei de Coimbra ?

1.º Não é o velho David ; porque esse, depois de lhe sequestrarem os bens, finou-se, desgostoso e triste...

2.º Poderoso deve de ser o velho parente...

1.º Na côrte de El-Rei de Castella pôde entrar o filho de David, Sesnando, que, como já vos disse, foi quem aconselhou nosso Monarcha á conquista de Coimbra. Ja vêdes nisto o podêr do velho e o princípio de sua vingança...

3.º (*desconfiado*). Na verdade, camarada, que bem conheceis essas historias ! Se me desseis licença para vos-fazer uma pergunta... (*ouvem-se passos no interior do convento; é Ruy Dias que se aproxima com o sequito dos monges*).

1.º Fallai.

3.º Como vos chamais? (*deve ter chegado á porta Ruy Dias*).

SCENA XIII.

OS MESMOS E RUY DIAS COM OS MONGES.

RUY DIAS (*para o 1.º soldado*). Sesnando amigo, terminada fica a minha missão. Coimbra nos-chama, é mister partir e dizer adeus a estes santos monges.

1.º Soldado (*para o 2.º e 3.º*). Ja sabeis meu nome, não é assim ? (*para Ruy Dias*). Partamos e propicio se-nos-mostre o ceu!

RUY DIAS (*para os monges*). Ficai vós, veneraveis monges, com o silencio e com vossas orações, que nós vamos conquistar-vos Coimbra! (*saem*).

SCENA XIV.

FREI BERNARDO E O PORTEIRO.

FREI BERNARDO. Julgais ainda, irmão, que o Reino de Castella fica la 'num calcanhar do mundo como ha pouco dissestes? (*é quasi noute*).

PORTEIRO (*com hypocrisia*). Tal não penso, senhor frei Bernardo. Praza porem aos ceus, que a benigna estrellla de Fernando Magno não venha eclypsar-se juncto aos muros de Coimbra!...

FREI BERNARDO. Aquietai-vos que tal não acontecerá. O exército de Castella zombará dos muros de Coimbra que seus robustos soldados farão baquear despedaçados. O cimento d'elles foi amassado com suor de christãos, e aos christãos pertencem. Poucas arêas animam ja a fatal ampulheta do destino, Coimbra vai ser christã! (*á porta do fundo tem apparecido o Rei de Coimbra que, disfarçado, interrompe assim*).

SCENA XV.

OS MESMOS E O REI.

REI. Quiçá não aconteça o que dizeis! (*assustam-se os dous, e frei Bernardo animando-se, prosegue*):

FREI BERNARDO. Rei de Coimbra! Guarde-vos o Deus dos christãos porque o vosso Propheta ja não pode.

REI (*colerico*). Maldito monge! sobre ti desça a colera d'Allah!

FREI BERNARDO. Rei de Coimbra! não insulteis o monge. Qual direito vos auctorisa a injuriar-me? A mortalha que me-veste acoberta-me de vossas affrontas, e 'nesta casa posso eu mais do que vós! Porque assim entrastes disfarçado na casa alheia?

REI. O mosteiro dos monges negros de Lorrão, é tambem do Rei de Coimbra! Porque assim disfarçado entrei? per-

guntais-me. Traição de seus habitantes aqui me trouxe. Aonde está o Abbade d'este mosteiro? Quero fallar-lhe.

FREI BERNARDO. Não continueis a offender-nos, poderoso Rei. Accusais de traição os moradores d'esta casa: em que consiste essa traição, Rei de Coimbra? Se ha pouco vos disse que vos amparasse o nosso Deus, foi porque a vossa última hora de reinar soou ja. Aonde tendes, infeliz Rei, um podêr que se opponha ao de El-Rei de Castella e Aragão. Fernando I? Não serão meia duzia de braços robustos, meneando adagas, que vos podem defender! Não serão os muros de Coimbra que vos guardarão, Rei opulento! Só a justiça da vossa causa vos-podia salvar! Mas, que é d'essa justiça? Chegou a hora de acabar em Coimbra a dinastia mussulmana! Herdaste, infeliz Rei! um throno vacilante em que a mão do destino escreveu — É tempo de acabar! — Curvai a cabeça, sêde grande na adversidade, mas não insulteis os monges d'este mosteiro, por que, traidores, se os-ha, não são elles, Rei de Coimbra!

REI. Traidor é teu Abbade, monge negro; e não aviltas a tua santa (*sarcastico*) e verdadeira religião, mentindo! Ja te disse que hei mister de ver teu Abbade.

FREI BERNARDO. O Abbade d'este mosteiro foi para Coimbra.

REI. É elle o traidor! Sois vós, monges de Lorvão! vós aquem eu enchi de beneficios e regalias! vós para quem as portas de Coimbra jamais se fecharam! vós que contra os deveres do vosso ministerio atropellais a minha confiança machinando a minha ruina! Ai de vós todos, monges! Por que, nem Coimbra sera dos vossos, nem vós escapareis á minha vingança! (*com vehemencia*) monge negro de Lorvão! ordeno que me digas, que motivos levaram teu Abbade a deixar a tal hora o seu mosteiro para se-ir sôbre Coimbra?

FREI BERNARDO. Não vos posso responder; esses motivos são segredos seus, que a cega obediencia e fe inteira, preceitos da nossa ordem, me não deixam, nem a algum de nós, antever ou perscrutar. (*D'aqui até ao fim do acto deve correr rapido o declamar e jôgo de scena*).

REI. Falla!

FREI BERNARDO (*com firmeza*). Nada tenho que vos-dizer.

REI (*indo á porta do fundo*). Olá minha gente ! (*apparecem tres mouros*). Nas masmorras de Coimbra fallarás, vil impostor. (*Para os tres e designando frei Bernardo*). Levai-o !

FREI BERNARDO (*com um gesto imperioso prohibe aos tres mouros que se approximem, e diz*): Irei, Rei de Coimbra, coberto d'improperios ser mais um martyr nas hediondas masmorras d'Africa. Mas, ai de vós ! (*os mouros vão para o levar quasi á força, e para a porta se encaminham com elle, quando alli apparece um vulto d'homem coberto por um negro manto e que, apontando com a mão direita para os mouros, diz :*)

SCENA XVI.

OS MESMOS E O DESCONHECIDO.

DESCONHECIDO. Parai ! (*os tres mouros recuam um pouco sôbre a esquerda do espectador; o Rei leva a mão ao alphange, adianta-se um pouco, e :*)

REI. Quem contraria as minhas ordens ?

DESCONHECIDO. Um homem !

REI (*com o alphange na mão corre para elle, como para lhe descobrir o rosto*). Vejamos ! (*o desconhecido indica-lhe com o braço esquerdo que pare, dizendo :*)

DESCONHECIDO (*com força*). Nem mais um passo !

REI (*desesperado*). Quem é que manda aqui o Rei de Coimbra ?

DESCONHECIDO (*mostrando-lhe com soberania o rosto com a barba cortada, e o peito, em que se ve uma faixa preta com a divisa em lettras d'ouro brilhantes—FILHOS DA NOUTE—*) Eu !

FIM DO 2.º ACTO.

ACTO III.

Estão de Agar os netos quasi rindo
Do poder dos christãos fraco e pequeno,
As terras como suas repartindo

.....
Á nobre terra alheia chamam sua.

CAMÕES.

8 DE JULHO DE 1064.

III. QUA

THESE ARE THE

REMARKS OF THE

COMMISSIONERS OF THE

LAND OFFICE

IN THE YEAR

ACTO III.

Vista de uma sala no castello de Coimbra. Portas á direita e á esquerda. Ao fundo tres portas em arco que deixam ver alem as muralhas de Coimbra com parapeitos, ameias, e para o lado direito um cubello, ou torre que se eleva acima das ameias. Porta falsa do lado direito. Pouca mobilia.

SCENA I.

REI (*so*). Que me importam vãos receios? Temo eu por ventura o odio d'essa terrivel sociedade? Porem... aquellas feições... (*Pensa um pouco e depois ergue-se exaltado*). Não pode ser! Ai d'aquelle que ousasse trahir-me, que nem sepultura lhe daria! Tu, Abbade de Lorvão, soffrerás o castigo de tua culpa!... (*Ouve-se o toque de uma trombeta ao longe*). Inuteis esforços! De que vos-serve esse poder, barbaros christãos?! Para que são tantos soldados Fernando Magno de Castella? Não sabes tu, que mais valem dez filhos do deserto do que mil guerreiros teus?! Aqui me-tens, invencivel Fernando Magno! Pouca gente me-defende, velhos muros me-rodeiam e um poderoso exército me sitia! (*Sarcastico*). Sera inevitavel a minha quêda! diras tu. Não o sera!... (*Um echo repetindo sob o pavimento — sera —*). Sera?! Quem me espia em meu palacio? (*Procura alguém quando uma voz começa:*)

Mal de ti, pobre Rei de Coimbra,
Mal de ti, pobre filho d'Allah;
Mal de ti, que não sabes que extincto
Teu poder brevemente sera.

*(O Rei muito inquieto procura ver se descobre a pessoa
que assim canta, quando a voz recomeça :)*

Nem tens bravos leaes servidores
Ja na quêda te-podem suste;
'Spera ao menos que n'Africa ardente
Desthronado ainda possas viver.

Poucos dias, ó Rei poderoso,
Poucos dias te-dou p'ra reinar;
Que os pendões em que tens meias luas
Hão de á cruz ceder breve o logar.

Mal de ti, pobre Rei de Coimbra, etc.

Maldito cantar!... Caro me-pagarás a ousadia, perfido!
(Furioso). Quem é o traidor que assim canta?! *(Dá alguns
passos em diversos sentidos e apressado sai: depois de um
curto intervallo abre-se do lado direito a porta falsa que,
depois de deixar sair Omar, se-fecha com rapidez mas sem
fazer ruido)*.

SCENA II.

OMAR *(so, com a barba crescida e vestido de mouro)*. Ha
dous annos que te-preparo a quêda, barbaro descendente
de vis mussulmanos! *(Aponta para o fundo)*. Ha dous annos
que te-machino a desgraça, Rei de Coimbra! *(Pausa)*. Com-
padeço-me do teu destino!... Mas, ja que nasceste filho de
quem me-roubou a ventura a victima seras tu! Sim, sôbre
ti cairão o meu odio e a minha vingança! *(Pausa)*. Segredos
do destino! Tu, que ha dous annos me-recebeste em teu
palacio, tu, que depositas em mim tanta confiança, mal diras
que te-sirvo d'algoz, que sou eu quem te-desthronará, que
sou eu quem te-preparará talvez a morte! Mas quem sou

eu para El-Rei de Coimbra? Um homem que lhe veio d'Africa, um homem que nem sequer conhece, um morto... Ainda é cedo!.. Tranquillisa-te meu coração. (*Leva as mãos ao peito*). Socega que ainda não é tempo. (*Ouvem-se passos*). Irei para o meu pôsto até que chegue a hora da minha completa vingança, até que nas muralhas d'este castello tremule a bandeira libertadora, até que desabe o throno d'este Rei intruso, até que, finalmente, seja livre a virgem christã!... (*Vai para sair quando á porta do fundo apparece Ximena que, interrompe:*)

SCENA III.

OMAR E XIMENA.

XIMENA. De que virgem fallais, meu bom amigo?

OMAR. Senhora, não me-interrogueis assim que vós não posso responder: virgem dos christãos deixai o mouro.

XIMENA. Em nome do ceu, fallai agora como ja fallastes outr'ora! Vós sabeis que eu sou discreta, que sou vossa amiga, porque me não haveis de fallar com franqueza, bom anjo do meu captiueiro? Porque não me-haveis de dizer, vós, que tanto sabeis, que significam na bocca de um mouro palavras tão favoraveis aos christãos? Porque não me-haveis de explicar, que quer dizer uma voz mysteriosa que El-Rei ouviu ha pouco 'nesta parte do castello? Que voz foi essa que tão pouco lhe agradou?

OMAR. El-Rei fallou-vos 'nisso?

XIMENA. Chegou-se a mim com mão semblante e perguntou-me se eu tinha ouvido uma voz cantar uma chara mui tristemente.

OMAR. E que lhe dissestes, senhora?

XIMENA. A verdade; disse-lhe que não tinha ouvido.

OMAR. E nada mais?

XIMENA. Perguntou-me por vós, e foi-se.

OMAR (*baixo*). Por mim?!... e com tudo é cedo ainda... que o não suspeite El-Rei...

XIMENA. Que o não suspeite, o que, meu bom amigo? Vamos, fallai, em nome do ceu!

OMAR (*depois de pensar um pouco*). Sim ! como ella me-pedia... (*Olha muito para Ximena*). Virgem dos christãos, que quereis do mouro ?

XIMENA. Partilhar suas magoas.

OMAR. E tereis vós compaixão do velho ?

XIMENA. Sim, sim, terei.

OMAR. Então, que quereis que eu diga ?

XIMENA. Contai-me o que dizia a voz invisivel.

OMAR (*depois de observar se é visto ou ouvido por al-guem*). Então quereis saber primeiro o que dizia a chacara ? Pois sim. — Lastimava a sorte do Rei, e dizia-lhe que cedo deixaria de o ser. Dizia-lhe que ja ninguem o podia salvar; que se resignasse e esperasse ao menos poder viver des-thronado, em Africa.

XIMENA (*alegre*). E quem foi que cantou assim ? Podeis dizer-m'o, meu bom amigo ?

OMAR. Não sei quem foi o mysterioso personagem...

XIMENA. Mas, que dizeis vós a semelhante cantar ?

OMAR (*com muita bondade*). Que se prepara nas trevas a quêda de Coimbra, e com ella o vosso resgate.

XIMENA. Que se trata da conquista de Coimbra diz-m'o esse exército que nos-cérca. Mas temo que nada consigam, meu amigo, esta cidade é tão segura...

OMAR. Então não confiais muito no valor dos vossos ? não sabeis que o exército de Fernando Magno não tem rival ? Não sabeis ainda que 'nelle vem...

XIMENA (*interrompendo-o corre para elle*). Ah !

OMAR (*tomando-a nos braços*). Estais alegre, não é assim ?

XIMENA (*deixa-o e dá louvores ao ceu*). Bemdito seja meu Deus ! (*Ergue-se e corre a uma janella como tentando ver alguém*).

OMAR (*apontando para ella*). Louquinha ! E tu, candida pomba, (*olha para o ceu*) tambem la te-alegras ? tambem la esperas por mim ? (*Pausa*). Ainda é cedo... um pouco mais, anjo do ceu, e seremos juntos !

XIMENA (*vindo para elle*). Que dizeis, meu bom amigo ?

OMAR. Folgo com a vossa alegria, e admiro-me de não havêdes suspeitado a vinda de...

XIMENA. Ah ! Vós sabeis ? E quem vos-disse que eu o

não suspeitava? Presumia-o, mas so o-dizia ao meu coração, até que eu visse meu thio que ha tanto tempo aqui não vem.

OMAR. O Abbade de Loryão.

XIMENA. Tambem sabeis? Mas, quem sois vós, meu bom amigo? Dizei-m'o.

OMAR (*com gravidade*). Um homem que vos-guarda, que vos-estima, e que vos-vai revelar um segredo. Virgem christã! vinde ca. (*Toma-a pela mão*). Vêdes esta parede? Está 'nella a vossa liberdade: olhai. (*Toca em certo sitio e abre-se uma porta*). Vêdes? (*Ximena sobressalta-se*). Esta porta dá para um caminho subterraneo que vai sair ao Mondego. So eu 'neste palacio tenho conhecimento d'esta porta que, ha muitos annos é desconhecida. Tomai bem conta: quando na Torre Quinaria o gnomon apontar meio dia, vinde aqui. Eu virei tambem.

XIMENA. (*interrompendo-o*). Mas, dizei-me...

OMAR. É o meu segredo.

XIMENA. Então...

OMAR. Adeus! segredo, virgem christã: ide-vos para a vossa camera por que El-Rei não tarda. (*Saem*).

SCENA IV.

O REI E ABBADE

(*entrando pela esquerda.*)

REI. Vens então cantar-me o DE PROFUNDIS da tua egreja, Abbade de Loryão?

ABBADE. Não zombeis do velho, Rei de Coimbra: guardai la vossas facecias e remoque para melhor os empregardes.

REI. Ve tu se te-podes guardar a ti, por que, esta casa em que sempre entraste como amigo vai-se-te converter hoje em uma prisão eterna.

ABBADE. Fallai serio, Rei de Coimbra.

REI (*com firmeza*). Abbade de Loryão! Não sairás d'este castello sem que te-justifiques. És-me traidor, e eu costume dar sempre bom gasalhado a amigos... Abbade de Loryão! tens uma hora de liberdade: depois d'ella, ou te-has de

justificar ou mais um poste com tua cabeça verão os teus bravos que me cercam, em-breve hasteado nos muros d'esta cidade ! (*Sai*).

SCENA V.

ABBADE (*so*). El-Rei ja não desconfia, tem certeza... Não importa !... conquisteste Coimbra, resga-te-se minha sobrinha, e pereça embora o Abbade de Lorrão !... (*Depois de pensar um pouco*). Traidor !... traidor não sou eu... e com tudo existe a traição... quem é aqui o traidor nem eu sei ! (*Resoluto*). Traidor ao Rei ou amigo dos christãos, que me importa conhecer seu nome ?

SCENA VI.

O MESMO E OMAR.

OMAR (*entrando pelo fundo*). Nada.

ABBADE. Ah ! sois vós, nobre desconhecido ?! o ceu vos encaminhou : sou preso d'El-Rei; salvai-me, se podeis.

OMAR. Sei tudo. El-Rei foi a Lorrão; não vos-achou, e converteu em certeza a desconfiança que tinha : julga-vos traidor, quando o traidor é... (*Mudando de tom e de sentido*). Abbade de Lorrão ! que é da chave que vos-dei ?

ABBADE. Guardo-a aqui.

OMAR. Bem; tudo favorece meus desejos: são onze horas; ao meio dia hade vir aqui Ruy Dias de Bivar: no acampamento aguarda a hora. Prometti de lhe-dar entrada 'neste castello... prometti de lhe-deixar ver Ximena. Ide vós ter com elle, Abbade, e mostrai-lhe o caminho da felicidade. Abbade de Lorrão ! o caminho que ides trilhar, é aquelle por onde entrarão em Coimbra os soldados de Fernando Magno. Ides conhecê-lo, mas guardai segredo ainda ! Quanto a Ruy Dias de Bivar, comigo se achará. (*Toca na mola occulta e abre-se a porta falsa*). Estais salvo : quando chegardes ao fim d'este caminho haveis de achar uma porta; abri-a: antes, porem, de o fazedes notai se sereis observado por alguem.

Um buraco praticado na mesma porta vos-servirá para isso. A porta gererá nos quícios sôbre vós; fechai-a depois de sairdes; e não vos-admire o seu aspecto externo : um monte de verdura vol-a occultará; porem, um cedro lhe fica perto; guiai-vos por elle quando Ruy Dias vier. Ide, pois, Abbade de Lorrvão, mas segrêdo ainda! (*A's ultimas palavras ja deve ter desaparecido o Abbade*).

SCENA VII.

OMAR (so). Continúa a minha obra ! (*Aponta para a porta occulta*). Ah! vai livre o primeiro que amanhã seria um cadaver! Tu, donzella, espera um pouco mais !... (*Aponta para os quartos da captiva*). A minha vida, ja que m'a não deixaram gozar no ceu, ja que me-encheram d'amargoso fel este coração, roubando-me a querida de minha alma; captivando-me sem piedade, de barbaros infieis; servirá duas causas oppostas ! Fara o bem e praticará o mal !... No fim ou receberá a palma do martyrio e a bençam dos meus, ou a maldição e o anathema dos inimigos : e Deus sabe se dos proprios amigos tambem !... Cumpra-se o meu destino! não se-quebrante um juramento solemne feito entre Deus e os homens, entre a morte e a vida, entre a medonha penumbra de uma masmorra que me-dava a morte e o ar puro do deserto que me-acenava com a vida !... Derribarei uma monarchia corrompida por acções vis e por indignos sentimentos... (*Pausa*). Á manhã grandes festas se farão sobre as ruinas de um throno, copiosas lagrimas orvalharão o chão do exilio e uma pouca de terra cobrirá um morto, que Deus julgará !... Mais um dia de escravidão, mais um dia de soffrimento, mas depois o descanso eterno ! (*Vai para sair pelo fundo, mas olha para a Torre Quinaria quando nella o ponteiro marca meio dia; volta, e diz :*) Chegou a hora aprasada. (*Escuta junto á porta falsa e ouve ruido de passos : abre-a*).

SCENA VIII.

O MESMO E RUY DIAS DE BIVAR.

RUY DIAS (*entrando*). Ximena! Ximena! onde estás?
(*Reparando no velho*) Ah! perdão...

OMAR. Amai-a primeiro a ella que é um anjo, e depois tratai do seu livramento.

RUY DIAS. Obrigado, bom velho.

OMAR. Pediste-me entrada 'neste palacio e eu franqueei-vos esta porta. (*Triste*). Ximena é um anjo que eu idolatro com toda a fôrça da amizade: é para mim na terra uma vida e saudosa recordação... Mas, o tempo urge, mancebo; fallemos d'outro negocio. Á manhã, ou talvez hoje mesmo sereis informado por meu sobrinho Sésnando do ataque que nos-dara Coimbra. Não ha tempo que malbaratar, por que El-Rei não tarda aqui. Ja sabeis de que se trata; vosso monarcha ja o-sabe tambem; sabe-o o Abbade de Lorrvão e meu sobrinho; não convem que mais ninguem o-conheça. Vai terminar o cêrco, que podéra ser bem curto se Fernando Magno seguisse em principio os meus conselhos, se confiasse em mim e não expozesse o seu exército a trabalhos e privações. Vai começar para vós, joven guerreiro, uma primavera de gloria e d'amores! Gozai-a e sêde feliz! Se vos não tornar a ver 'neste mundo, orai a Deus por mim! (*Sai*).

SCENA IX.

RUY DIAS E DEPOIS XIMENA.

RUY DIAS. Vou vel-a! vou abraçal-a! oh! meu Deus, que momento de felicidade!

XIMENA (*entrando pela direita*). Ceus!

RUY DIAS (*voltando-se*). Meu Deus! que voz ésta! Ximena?!

XIMENA. Meu Ruy!... (*Abraçam-se*).

RUY DIAS (*depois de curto silencio*). Ximena, foi o ceu quem nos-preparou este encontro, não foi?

XIMENA. Foi. Foi o ceu e um amigo que protegem nossos amores : sabes qual é seu nome ?

RUY DIAS. Não, adorada Ximena: quando entrei, achei-me com o bom velho que aqui me-introduziu, e que me-tratou bem. Este homem fallou-me em cousas que dizem respeito a...

XIMENA. Tratais da conquista d'esta cidade, e de me-libertar, não é assim?

RUY DIAS. Assim é, meu amor: mas graças ao ceu que esta porta te-vai dar liberdade. Teu bom thio, o Abbade de Lorvão, aguarda-me em Almafalla; vem comigo, adorada Ximena, que a bençã do Santo Abbade la nos-unirá para sempre! O velho disse-me que El-Rei não tarda aqui; aproveita a occasião minha querida, vem...

XIMENA. Ainda não meu caro Ruy. Já esqueceste por ventura o homem que nos-protege? Esse homem a quem tanto devemos?

RUY DIAS. Perdão! não esqueci: mas temo deixar passar tão propicia occasião para te-dar liberdade...

XIMENA. Não, meu querido Ruy: o homem que te-conduzio até mim tem poder para muito, e eu tenho confiança 'nelle. Depois, prometeu vir ter connosco...

RUY DIAS. Eu sei!... não, vem comigo, Ximena! deixa o captiveiro minha adorada! Receio tanto por ti... O barão poder d'este Rei, sera capaz de...

XIMENA. Nada receies, meu amigo. O ceu guardou-me dous annos, mais dous dias velará por mim. Ruy Dias! um bom velho protege o nosso amor: é preciso confiar 'nelle... e bem ves que não devo ir so contigo por esse caminho... *(A porta do fundo apparece o Rei de Coimbra que, antes de entrar começa:)*

SCENA X.

OS MESMOS E O REI.

REI. Abbade de Lorvão! findou o praso. *(Deparando com os dous amantes recua um pouco como duvidando do que ve: Ximena desmaia e recosta-se no hombro de Ruy Dias que*

lhe ampara o corpo com o braço esquerdo, em quanto leva a mão direita, á espada: o Rei de Coimbra avança com altivez e sarcástico diz:) Quem vos trouxe aqui, senhor cavalleiro!

RUY DIAS (*com firmeza*). Esta mulher!

REI. E quem vos-deu entrada 'neste castello? Fallai!

RUY DIAS. Não vol-o digo!

REI. Fallai!

RUY DIAS (*com muita firmeza*). Fallei ja.

REI (*desesperado*). Veremos! (*Vem para elle com o terçado em punho*). Se sois bravo, defendei-vos! (*Ruy Dias desembainha a espada quando ao fundo apparece Omar*).

SCENA XI.

OS MESMOS E OMAR.

OMAR (*baixo*). Não o pude evitar! (*Alto*). Rei de Coimbra! Rei de Coimbra! Traição!... Acudi á porta da Genicoca que la ferve a batalha! Os christãos em grande numero atacam aquelle ponto, estamos perdidos!... (*Ouve-se dentro — Annassara! Annassara!*) (*).

REI (*depois de um instante de indecisão*). Guarda-me este homem. (*Apressado sai*).

SCENA XII.

OS MESMOS E O DESCONHECIDO.

OMAR. Guardarei!... (*Ouve-se o toque dos anafis mouros chamando ás armas: Omar avança socegado para Ruy Dias*). Mettei na bainha a vossa espada, cavalleiro de Christo... mas, que tem Ximena?

RUY DIAS. Assustou-se com a presença do Rei. (*Chamando*). Ximena! Ximena!

OMAR. Anjo de bondade, é Omar quem vos-chama.

XIMENA (*tornando á si e para Ruy Dias*). Não te-fez

(*) Christãos, Christãos!

mal? (*Reparando no velho*). Ah! sois vós, meu bem amigo!
(*Para os dous*). Eu sinto-me encommoada... desejava re-
pousar...

OMAR. Vinde para os vossos aposentos, senhora.

XIMENA. Não deixo o meu Ruy! so se m'ó salvais...

OMAR. Salvo, salvo. (*Abre a porta falsa*). Vinde Ruy Dias
Bivar, vinde já.

RUY DIAS (*indiciso*). É forçoso!... Adeus! (*Abraça Xi-
mena*).

OMAR. Apressai-vos.

RUY DIAS. Adeus! (*Sai rapido*).

XIMENA (*estendendo-lhe os braços*). Até quando?

OMAR (*depois de Ruy Dias ter desaparecido rapido pela
porta falsa, que se deve fechar logo, e apontando para o ceu:*)
Até amanhã!

SCENA XIII.

XIMENA E OMAR.

OMAR. Quereis que vos-acompanhe aos vossos quartos?

XIMENA. Obrigada, eu sinto-me com valor. (*Sai*).

SCENA XIV.

OMAR. Até amanhã; se algum contratempo se não in-
trometter nos meus planos, que, graças ao destino me-vão
tanto a geito!... E que estorvos me-poderão apparecer, a
mim, homem votado d'alma á causa da destruição? A mim
que ao mais leve sôpro da vontade transporei obstaculos,
removerei difficuldades? Não sou eu um dos mais poderosos
FILHOS DA NOUTE? Não tenho eu meios de sobejo para des-
viar do meu caminho qualquer impecilho, que o accaso me-
depare? O accaso, que homens não!

SCENA XV.

O MESMO E O PORTEIRO DE LORVÃO.

PORTEIRO (*com hypocrisia*). Deus vos-guarde, irmão.

OMAR. Em crença diversa, não é assim?

PORTEIRO. Infelizmente para vós. Foreis mais feliz se professais outros princípios; se cresceis em Jezu-Christo.

OMAR (*à parte*). Folgemos um pouco. (*Alto*). Enganaísvos, sou tão feliz sendo mouro como vós talvez o não sejais.

PORTEIRO. Podereis ser mais feliz 'neste mundo, mas no outro certo que não. A minha religião tem meios que aparellham o homem para a salvação, e caminhos que o conduzem á bemaventurança eterna.

OMAR. Também a minha; mas, dissei-me, quem vos-trouxe aqui? Sois mensageiro de Fernando Magno, ou de vosso Abbade? Trazeis-nos a paz ou quereis a guerra a todo o custo?

PORTEIRO. Tenho necessidade de fallar muito em particular a vosso monarcha, e sem a mor detardança. Dizei-lhe que de Lorvão o-aguarda um monge.

OMAR (*insistindo*). Trazeis algum tratado de paz, ou...

PORTEIRO. Permitti que so El-Rei saiba a que vim.

OMAR (*baixo*). Quer fallar so a El-Rei?!... vejamos. (*Alto*). El-Rei não vos-pode fallar agora, porem, eu sou amigo seu, um seu confidente, podeis confiar-me o negocio. Foi vosso Abbade quem vos-enviou?

PORTEIRO. Não posso confiar d'outrem o que so é para elle, perdoai: é negocio so meu, e não de meu santo Abbade.

OMAR (*baixo*). É forçoso saber de que se trata. (*Depois de um momento de silencio e em voz alta*). É melhor.

PORTEIRO. O que achais melhor?

OMAR. Procurar-vos El-Rei... (*Vai para sair, mas volta e diz* :) Ah! vem El-Rei. (*À parte*). Saberei tudo. (*Sai*).

SCENA XVI.

O PORTEIRO E O REI.

REI. Ah! és tu?! Que novas me-trazes? Vens-me contar claramente a traição dos monges, não?

PORTEIRO (*curvando-se muito*). Sim, nobre e valente senhor. (*Omar espreita*). Os monges de Lorvão são-vos traidores. Antes do exército d'esses barbaros chegar a Coimbra ja um seu enviado tinha apparecido em Lorvão.

Era elle um tal Ruy Dias de Bivar, de quem ja vos-fallei, quando vos-disse que elle era o amante da chritã, e que pelos monges foi recebido em capitulo sem que eu podesse saber ao certo os motivos que o-levaram la. Mas obtive certeza da traição, agora que descubri o contheudo de um aviso, que o Abbade recebeu por um modo bem singular.

REI. Prosegue.

PORTEIRO. Eu ja sabia que dous monges d'aquelle mosteiro, quando vos-pediram licença para se-irem em romaria a S. Salvador d'Oviedo, tinham ido persuadir Fernando Magno á conquista d'esta cidade; mas, o que agora mais positivamente alcancei saber é que existe um homem, que promette entregar Coimbra aos christãos.

REI (*admirado*). E quem é esse homem? viste-o? fallaste-lhe? É inacreditavel o que dizes.

PORTEIRO. Eu vos-conto, senhor, o que observei. Eu fingia ler, ou lia um livro christão; estava voltado com as costas para a porta do fundo, quando um homem, para mim desconhecido, entrou sem que eu podesse presentir, e cravou na porta do mosteiro, com um punhal, um pergaminho fechado para o Abbade de Lervão: com o estrondo voltei-me e ouvi dizer ao desconhecido — Dize ao Abbade d'este mosteiro que não faltei á minha palavra — e desapareceu rapido, sem que eu nem sequer lhe visse as feições.

REI (*depois de pensar um pouco*). E sabes o que dizia o pergaminho?

PORTEIRO. Convidava o Abbade a que se embarcasse no Mondego, e fôsse dizer a Fernando Magno o que elle desconhecido ja lhe tinha dito: — que acceitasse os seus serviços para não expor suas tropas a um cerco provavelmente longo. E concluia com estas palavras — Prudencia e segredo.

REI (*como despertando de curto meditar*). Ao menos conhece-nos o valor.

PORTEIRO. Sabei mais, que na folha do punhal se liam estas palavras — FILHOS DA NOITE —

REI. Filhos da noite?! (*Pensa*). E porque me não avisaste ha mais tempo?

PORTEIRO. Porque não pude, senhor. Quando fostes a Lorvão não tive occasião de vos-fallar em tal desconhecido; não sabia ainda a esse tempo o que dizia o pergaminho, e tenho mesmo achado difficuldade em sahir de la: para vir aqui pretextei negocios de familia que reclamavam a minha presença, e ainda me-custou obter licença do Abade.

REI (*pensativo e triste*). E nada mais sabes a respeito do desconhecido?

PORTEIRO. Nada mais. Apenas me lembra uma circumstancia que talvez vos-possa servir. O homem que eu vi, tinha a mesma altura e trajava do mesmo modo, se me não engano, como aquelle que vos-appareceu em Lorvão.

REI (*ainda pensativo*). Sim, bem sei. Vai tu para Lorvão: continúa a espiar: ve se descobres se o desconhecido é christão ou mouro, e sobretudo, se vires que se-offerece occasião de nos-apossar mos d'elle, se souberes antecipadamente que elle deva ir a Lorvão, avisa-me, custe o que custar.

PORTEIRO. Nada mais quereis?

REI. Mais nada. (*O Porteiro curva-se e sai*).

SCENA XVII.

REI (*so*). Que luta! E é forçoso haver animo resolutto! Pois tel-o-ei! e se é mister sangue para defenza do meu throno, até o meu correrá! (*Exaltado*). Quereis a minha ruina, homens das trevas? perfidos que não ousais conspirar a luz do dia! Infames christãos! que mal vos-fez ou faz o Rei de Coimbra? Porque tanto pareceis temer os mouros? Quereis expulsal-os do occidente? Custar-vos-a bastante, porque a nova arvore ja tem raizes fundas; e, se o conseguir-des, so o arrependimento alcançareis por fim! Por que em nós perdereis uma riqueza immensa, que so o porvir vos-mostrará!.. Mas, que poder é o vosso, que so tendo por alliado o exército de Fernando Magno vindes mostrar vossos desejos?! Alliou-vos o accaso ou não confiáis muito no punhal que vos-acompanha? Tu, que ousaste embargar minhas determinações, apparecer-me em Lorvão,

ameaçar-me... tem cautela ! E vós, tredos, embusteiros sem dignidade, vis ministros d'essa religião a que chamais a melhor e mais verdadeira, contaí comigo também, saldaremos contas !.. E, pois que assim o quereis, seja ! Guerra de morte ! A minha ou a vossa ruina ! (*Mais tranquillo*). É mister, comtudo, empregar os meios para saber quem é este desconhecido. (*Sai pela direita*).

SCENA XVIII.

OMAR (*entrando pelo fundo*). Ide ! (*Volta-se para a direita e depois para o fundo*). Vai, traidor nefando e abominavel, vai procurar o desconhecido que te-fez tremer ! Vai, mouro vil, que tanto manchaste o burel d'esses veneraveis monges, vai : prosegue teu caminho, mas conta comigo, traidor villão !... Ah ! perdão ! perdão para o homem que se não ve a si ; perdão... não o quero ! que não sou traidor mercenario ! Assalariado da destruição trabalho para uma causa santa ! quero ver livre a terra onde até o sol pregôa liberdade aos homens 'num ceu limpido e sem nuvens que lhe-toldem o rosto !.. Quero vingar-te, anjo da minha primavera, (*olha para o ceu*) que tão pouco me-sorriste !.. quero deixar na memoria dos mouros um nome ignominioso talvez, mas christão ! Quero ir juntar-me a ti la nas alturas ! quero... (*olhando para o ceu*) até amanhã !

FIM DO 3.º ACTO.

THE
HISTORY
OF
THE
CITY
OF
NEW-YORK
FROM
THE
FIRST
SETTLEMENT
TO
THE
PRESENT
TIME
BY
JOHN
BUTLER
1764

ALPHABET

A
B
C
D
E
F
G
H
I
K
L
M
N
O
P
Q
R
S
T
U
V
W
X
Y
Z

ALPHABET

A
B
C
D
E
F
G
H
I
K
L
M
N
O
P
Q
R
S
T
U
V
W
X
Y
Z

ACTO IV.

Christãos ganhastes Coimbra
Mais que joia oriental.

A. F. DE CASTILHO.

9 DE JULHO DE 1064.

1870

THE
LIBRARY
OF THE
MUSEUM OF
COMPARATIVE ZOOLOGY
AT HARVARD UNIVERSITY
CAMBRIDGE, MASS.

NOV 10 1870

ACTO IV.

A mesma vista do terceiro acto. E' noute ainda. No revelim, ou pequena torre da direita, deve arder uma lanterna.

SCENA I.

OMAR, ABBADE, SESNANDO E RUY DIAS DE BIVAR.

OMAR (*para Sesnando*). Então, que parecer é o vosso, Sesnando?

SESNANDO. Aquelle que abraçardes.

ABBADE E RUY DIAS (*para Omar*). Traçai vós o plano geral.

OMAR. É justo. Attendei-me pois. Não tarda muito a romper a manhã: pouco nos-podemos demorar; quando forem onze horas na Torre d'Hercules, tomaí sentido, senhores, deve o exército de Castella estar prompto para o ataque e acometter a muralha nos pontos que julgar acertado. Um troço de 50 homens escolhidos deverá entrar pelo caminho subterraneo, e conservar-se 'nelle até que um signal meu lhes dê entrada aqui. (*Com a pratica dos quatro, acorda a vela que dormia; ve-se-lhe apparecer meio corpo sobre o revelim, e acender um facho que agita, gritando — Annassara! Annassara! — Sesnando e Ruy Dias levam as mãos ás espadas.*)

ABBADE (*para Omar*). A sculca grita — Christãos, Christãos! Acaso...

OMAR (*rapido*). Nada sera. (*Apressado sai ao fundo pela porta da direita; em seguida assoma no alto da torre, toma o facho e agita-o em sentido contrario. Momentos depois apparece ao fundo*). Havia-me esquecido da rolda que nos-queria anticipar a hora solemne.

ABBADE. Mas, não vos-trahirá?...

OMAR. Mercenarios soldados não fallam quando eu quero. Em que ponto ficámos? Ah! ja sei. Em quanto que para o caminho subterraneo caminharem esses 50 homens, deverá caminhar para a porta da Genicoca um troço de guerreiros, affeitos á peleja corpo a corpo, cujo numero vós indicareis. Disfarçados com vestidos mouros, esses homens deverão appresentar-se fallando o arabe e dirão que, escapando-se aos christãos, em cujo poder tinham caído 'num dos ultimos recontros, desejam entrar em Coimbra para auxiliar a causa santa e commum. Deverão ir armados de punhais, para, no caso de se-lhe-abrirem as portas, apunhalarem os primeiros que virem ao alcance de seus braços. Sera completa sua missão fazendo em seguida tremular a bandeira de Castella no mais alto da muralha. Bem vêdes que se tal plano vinga certa é a victoria, por...:

ABBADE (*interrompendo-o*). Receio, porem, que tal plano aborte; ja porque poderão não entrar em Coimbra esses homens, ja porque, entrando, podem achar maior numero d'inimigos e serem mortos por elles.

OMAR. Abbade de Lorrão! É mister fazer mais justiça ao valor dos nossos! (*Movimentos de surpresa no Abbade e em Ruy Dias*).

ABBADE. Essas palavras...: vós sois christão!...

OMAR. Talvez. Socegai porem vosso espirito, porque o numero d'inimigos não costuma ser grande 'naquella parte da muralha. Suppondo com tudo que se não abre aquella porta, a nossa victoria é certa ainda: por que esse signal para o ataque decisivo, essa bandeira sera então arvorada por mim na Torre em que nos-achamos. E, bem vêdes, (*aponta para o caminho subterraneo*) que tendo nós um caminho que vem dar ao centro de vida d'este throno corrompido, ao coração d'esta aviltante monarchia facil nos-sera o triumphar.

ABBADE. Ha ainda uma duvida : vós sois quem nos-haveis de abrir essa porta; (*aponta para o caminho subterraneo*) mas, supponde que El-Rei de Coimbra desconfia de vós e vos-manda encarcerar, se vos não mandar tirar a vida; quem nos-hade franquear então este castello?

OMAR (*grave*). El-Rei ja desconfia de mim, mas affirmo-vos que so quando eu lh'o disser sabera que o traidor sou eu. Tal é a confiança que deposita no velho Omar.

ABBADE. Em vista, pois, do que dizeis convem pôr ja em pratica o vosso plano. A manhã vem rompendo (*começa a aclarar a scena*) e nós não devemos malbaratar o tempo. Vamos, senhores.

OMAR. Esperai um pouco mais. Ainda temos de tratar um negocio porque deveramos ter começado. (*Para o Abbade*). O porteiro de vosso convento saiu ha pouco com licença vossa?

ABBADE. Concedi-lhe licença, concedi.

OMAR. É um mouro, esse homem.

ABBADE. Um mouro?! (*Espanto em Ruy Dias e Sesnando*).

OMAR. Um mouro que Cide Arabum Arabe la introduziu para vos-espiar.

ABBADE. E como soubestes isso?

OMAR. Ouvi uma conversa entre elle e o Rei, cujo fim principal era a denúncia. Disse ao Rei, que vós conspiraveis, que havia um homem, que trabalhava com os monges contra elle, e que esse homem era membro dos — FILHOS DA NOUTE — Despediu-se do Rei levando instrucções para me-conhecer e empregar todos os meios para se-apoderar da minha pessoa, por si ou por outrem. De modo que, convem pôl-o a bom recado immediatamente, para não dar mais informações ao Rei.

ABBADE. Ficaí descançado.

OMAR. Agora, Abbade de Lorvão, e vós, Ruy Dias de Bivar, ainda não sabeis quem é o velho que vêdes l.. Talvez que ainda nos-vejamos, mas se alguma frecha errante metir a vida, se, no calor do combate, perecer, Sesnando que vos-falle de mim... Sesnando conhece... (*Ouve-se o toque dos anafis mouros proclamando a alvorada, e longe ainda o caminhar das sobreroldas, que vêm visitar esta parte*

da muralha). Approximam-se as sobreroldas; sem detardança senhores, saí. (*Vai á porta falsa, que abre*).

RUY DIAS (*que se tem demorado*). Porem, Ximena... (*Vem perto a ronda*).

OMAR. Falta so tratar d'ella. Livre sera. Adeus!

RUY DIAS. Em vós confio. (*Sai*).

SCENA II.

OMAR (*só*). A Deus! sim, so a elle pedirei protecção, so elle me-perdoará... (*Volta-se para sair quando a ronda passa ao fundo e um joven mouro diz:*)

SCENA III.

OMAR E O MOURO.

MOURO (*la do fundo*). Muito madrugastes! Mas não tanto que não fôsse El-Rei o primeiro.

OMAR. El-Rei?!

MOURO. E não tarda aqui. Dir-se-ia que elle teme agora alguma cousa dos christãos, e que vós receais perder a captiva que guardais.

OMAR. Aonde encontrastes El-Rei.

MOURO. Passeia ao longo das muralhas.

OMAR. Anda so?

MOURO (*como que desconfiado*). Quereis saber tanto!..

OMAR. É que me-admiro, como vós, do seu madrugar.

MOURO. Passeia so. (*A sobrerolda passa*).

OMAR. Obrigado. (*Sai pela direita*).

SCENA IV.

REI (*observando do fundo o acampamento*). Parece-me que se-agita o exército de Castella!.. Certamente vão levantar o cêrco... porem... vejo-os reunir de um modo... reina a alegria em todos... teremos outro assalto?.. Não pode ser. O exército de Castella não tem forças ja: tinham-se-lhe acabado os viveres... e não havia esperanças

de que os podessem obter... (*Pensando vem para a scena*). Lorrão!.. Mas o seu Abbade está em meu poder... aquelle Fr. Bernardo... o mosteiro é rico... Ai de ti, Abbade de Lorrão, se abasteceste o exército de Castella! (*Mudando de tom, e exaltado*). Ai de vós todos, monges!..

SCENA V.

O MESMO E OMAR.

OMAR. (*entrando pelo fundo*). Rei de Coimbra! Más novas ca chegaram do acampamento christão. O exército inimigo prepara-se para um assalto decisivo. Os soldados estão alegres... receberam de Lorrão mantimento e vida. Acudi a mandar fortificar as muralhas do norte: diz-se que sera por alli que nos-vão atacar...

REI. Sim, reforçaremos os cubellos d'aquella parte da muralha: mas, que é do homem que te-mandeí guardar? Aonde o tens?

OMAR. No mais alto d'esta Torre.

REI. E Ximena, descança ainda?

OMAR. Assim é.

REI. E do Abbade de Lorrão, sabes acaso?

OMAR. Ha tempos que o não vejo aqui.

REI. Ainda hontem ca estive e ca deve estar; dei ordem para o não deixar sair.

OMAR. Ao Abbade?!

REI. O Abbade de Lorrão é-me traidor.

OMAR. O Abbade de Lorrão?!..

REI. Sim, o homem que sempre achou abertas as minhas portas, o homem que se-dizia meu amigo contribue para a minha ruina.

OMAR. E tendes a certeza d'isso?

REI. Tenho. O Porteiro de seu convento é dos nossos. Quando pela primeira vez entrou no meu espirito a desconfiança, de que os monges de Lorrão conspiravam, consegui metter la um homem que, disfarçado em christão, me-podesse avisar de tudo quanto observasse. Foi elle, pois, quem me-disse que dous monges de Lorrão tinham

persuadido Fernando Magno á conquista de Coimbra, e quem me avisou, de que havia um desconhecido que, conjunctamente com os monges machinavam a minha quéda.

OMAR. Extraordinario me-parece tudo o que dizeis. Mas, esse desconhecido, quem é? Convem conhecê-lo.

REI. Já o-vi, mas não o-pude conhecer; e é notavel, que suas feições tinham uns longes das tuas!

OMAR. Das minhas?! Ó poderoso Rei...

REI (*interrompendo-o*). Se não fôra a confiança que em ti deposito daria mais peso a suspeitas. És amigo, e como tal peço que não te-offendas se as minhas palavras te-feriam o amor proprio e a tua honra. (*Triste*). Começo a crer, meu Omar, que perco o dominio d'estas formosas terras de Coimbra. Vejo que acabou o meu tempo de reinar... Conspiraram-se contra mim a sorte e os homens... e os peores d'elles!.. Esse desconhecido que vi em Lorrão é um membro da poderosa Sociedade — FILHOS DA NOITE —. São contra mim os proprios monges negros... quem pode resistir a tal poder? Desconfio até que nos homens que me-cercam tenho os primeiros inimigos...

OMAR. Nos vossos?!

REI. Certamente. Por que não posso explicar, senão por traição infame, a admissão 'neste castello do amante de Ximena.

OMAR. Mas trataremos de saber porque modo entrou elle aqui. Se consentis, eu vou interrogar os homens a cujo cargo está a guarda das portas d'esta cidade. Talvez que assim possamos saber quaes são aquelles de quem vos deveis acautelar, ou desfazer...

REI. Já sei quem serão os primeiros.

OMAR. Já sabeis?!

REI. Já sei. Vai tu sem detença saber o que desejas, e ao mesmo tempo informar-te se deixaram sair o Abbade de Lorrão. Depois vem ter com esse cavalheiro preso, e interroga-o tambem. Se nada disser mandal-o-emos a tratos. Eu vou ter com Ximena; talvez diga alguma coisa... (*Mudando de tom, e exaltado*). Se todos forem mudos, ai delles! que a mudez da morte lhes-sellará para sempre os labios!.. (*Para Omar*). Vai! (*Omar sai*).

SCENA VI.

REI (so). Esta é mais fraca, (aponta para os aposentos da captiva) poderá fallar. (Sai pela direita).

SCENA VII.

OMAR (entra pelo fundo com uma bandeira, procura logar para a esconder, e assim o faz). Cumprirei tuas ordens, cumprirei. Vamos, pois, saber quem é aqui o traidor. (Vai á porta falsa, que abre, e por onde sai).

SCENA VIII.

O REI E XIMENA

(entrando pela direita.)

XIMENA. Ja que me não dais liberdade, porque assim me tornais tão pesado este viver? Que desejais de mim?

REI (amoroso e serio ao mesmo tempo). O teu amor e o teu odio.

XIMENA. Não vos-comprehendo: quereis o meu amor e o meu odio?!

REI. Quero sim: tenho necessidade do teu amor para mim, e do teu odio... para quem eu quizer.

XIMENA. Pedis o que vos não posso dar. O meu amor ja o-dei; não tenho outro para vós: e o meu odio não vol-o dou, porque nunca o tive.

REI. Pois nem odeias quem aqui te-aprisona ha ja dous annos?

XIMENA. Não posso odiar amigos, Rei de Coimbra.

REI. Amigos?!

XIMENA. Sim, amigos; por que todos aqui me-estimais, apezar de eu seguir caminho errado, como dizeis.

REI (amoroso). O coração da mulher é fonte inexgotavel de doçura e amor: dá-me os teus affectos, Ximena, que em troca d'elles tudo te-darei.

XIMENA (*com toda a dignidade*). Quereis então comprar-me o coração?!.. Rei de Coimbra! as filhas da nobre Hespanha não mercadejam amores! As filhas do occidente sacrificam a propria vida, por aquelle a quem deram uma vez a mais pura das afeições! Podeis fazer de mim o que vos-aprouver; mas, fraca victoria sera aquella que alcançardes de quem so vos-oppora resignação, e o desejo ardente de ir abraçar no ceu a palma e a coroa do martyrio.

REI. Não te-quero comprar o coração, Ximena; quero so em troca d'elle, dar-te o primeiro logar no meu harem; quero fazer-te a sultana favorita d'El-Rei, cercar-te de magnificencia, adorar-te no meio da opulencia que dá o luxo do oriente, sentar-te no throno do meu coração, idolatrar-te, morrer por ti!.. (*Amoroso*). Não queres acceitar a troca?

XIMENA (*com firme resignação*). Compra ou troca, não a-posso acceitar.

REI (*como experimentando-a*). E'se eu renegasse da minha religião para abraçar a tua? Foras minha então?

XIMENA (*com a mesma resignação*). Não vos-posso pertencer.

REI. Então odeias-me?

XIMENA. Nem vos-odeio, nem vos-amo; sois-me indifferente.

REI (*começando a exaltar-se*). Pois bem! se ao cabo de dous annos de cordial afeição e bom tratamento, so indifferença venho alfim achar em ti; se me não queres pertencer, depois de te-prometter e querer dar tudo isso que pode fascinar, que pode agradar ao orgulho e vontade da mulhe., (*mudando de tom*) tambem não seras d'outro!.. Esse barbaro que ousou devassar este palacio, esse perro que se-diz teu amante so na outra vida te-gosará!.. Preso nas masmorras d'este castello, so d'ellas sairá se me-revelares um segredo.

XIMENA. Não tenho segredos, senhor.

REI. Quero que me-digas quem introduziu 'neste castello o teu amante.

XIMENA. E para que o quereis saber?

REI. Para lhe mandar decepar a cabeça...

XIMENA. E se o culpado for vosso amigo?

REI (*colerico*). Menos viverá.

XIMENA (*baixo*). Salvai-o, grande Deus! (*Alto*). Não vol-o posso dizer.

REI. Podes, falla!

XIMENA. Não posso, nem devo.

REI (*desesperado*). Morrerão todos! Abbade de Lorvão, tu e teu amante sereis tres cadaveres!.. (*Vai para sair, mas volta e diz* :) Podes tudo evitar, dize-me quem é-o traidor.

XIMENA. Deixai-me, senhor. (*Baixo*). Meu Deus!

SCENA IX.

OS MESMOS E O PORTEIRO DE LORVÃO.

PORTEIRO (*vestido de mouro*). Descobri!

REI. (*voltando-se*). Ah! descobriste? falla, falla ja!

PORTEIRO (*cançado ainda, e como faltando-lhe a respiração*). Deixai-me descansar.

REI (*inquieta*). Falla!

PORTEIRO. O desconhecido é um homem dos vossos, é Omar. (*Ximena afflige-se*).

REI (*espantado*). Que dizes!? (*Abre-se a porta falsa: Omar vem para sair, mas vendo gente retira; fica observando de espaço a espaço*).

PORTEIRO. Digo-vos que é-o vosso confidente, Omar.

REI (*depois de pensar um instante, e como lembrando o passado*). Ah!.. E como o soubeste?.. Não pode ser. (*Pensa*).

PORTEIRO. Sube-o de Fr. Bernardo, do homem com quem eu praticava quando fostes a Lorvão; e foi em hora propicia, porque se-havia passado uma ordem de prisão para mim. Mas, graças, que a fortuna e a minha astucia me-conduziram ca.

REI (*pensando*). E como podeste atravessar pelo inimigo?

PORTEIRO. Quando me approximei de Coimbra sube que o exército de Fernando Magno ouvia missa em Almafalla: folguei com a nova, corri, e queira Allah que chegasse a tempo. (*Omar sai e faz signal a Ximena para se retirar*).

REI. E' necessario encarceral-o já... (*Pensa*). Mas, é preciso ouvil-o. (*Chamando*). Omar! Omar!

SCENA X.

OS MESMOS E OMAR, MENOS XIMENA.

OMAR. Ás vossas ordens.

REI. Já descobri o traidor.

OMAR (*com toda a firmeza e certa intimativa*). Também eu!

REI (*sem acreditar que seja elle*). Dize, dize quem é?

OMAR. O traidor sou eu!

REI. Tu?!

OMAR. Eu! (*sarcastico*) o vósso amigo!

REI (*mudando de tom, e como tentando ver se Omar está em seu perfeito juizo*). Cumpriste as ordens que te-dei a respeito do Abbade? Fallaste com o prisioneiro?

OMAR (*com toda a seriedade*). O Abbade de Lorrão está livre no acampamento de Fernando Magno de Castella, e o cavalleiro que eu guardava apresta-se para vos-atacar.

REI. Não zombes!

OMAR (*firme*). O Abbade de Lorrão não está em Coimbra, e o prisioneiro commandará em breve um grande troço do exército de Castella, no ataque que vos-vai dar.

REI (*inquieta*). E quem lhes deu liberdade?

OMAR. Eu!

REI. Tu?! Mas...

OMAR. Já esqueceste Lorrão?

REI. Ah! Não posso duvidar mais! Porem, que mysterio é este? que quer dizer tudo isto?

OMAR. E' mysterio facil de penetrar. Quer dizer que, em menos de uma hora, Rei de Coimbra, deixareis de o ser! Quer dizer que o exército de Castella sera senhor de Coimbra, em menos de uma hora! Quer dizer que o Abbade de Lorrão e Ruy Dias de Bivar foram postos em liberdade por mim! Quer dizer que so falta libertar Ximena, a christã, e que serei eu ainda quem lhes-dê liberdade! (*Mudando de tom*). Tudo isto quer dizer que o traidor sou eu!

REI (*estupefacto*). Mas, que é feito do meu servidor fiel? do meu confidente? Porque de tão contrario modo me fallaste ha pouco?

OMAR. Era cedo ainda. Agora posso afoutamente dizer-vos que vai terminar vosso reinado. (*Ouve-se musica e um alarido ao longe*). Ouvis? É o exército de Castella que vos acommette; ja não ha remedio!

REI (*corre ao fundo, e das muralhas observa o movimento das tropas*). As minhas providencias estão dadas; podeis vir! (*Volta exaltado*). Agora nós! E' mister que respondas promptamente: porque me-fallaste ha pouco em Lorrão, e que motivos tens para me-ser traidor?

OMAR. Fallei-vos em Lorrão para vos-acordar a memoria; e, quanto aos motivos que tenho para vos-ser traidor, não vol-os posso dizer.

REI (*desesperado*). Falla!

OMAR (*socegado*). E' cedo ainda.

REI. Far-te-ei fallar por outro modo. (*Vai á porta da esquerda*). Olá, Iben-Mahomet! (*Para o Porteiro*). E tu, prendam-me este homem. (*Tem apparecido um mouro*).

OMAR (*para os dous mouros*). Parai! (*O tumulto tem crescido progressivamente: é batalha ja*). Rei de Coimbra! (*Um pouco exaltado*). Tratai de vós antes que de mim! Ja que não podeis salvar o throno, vêde se podeis salvar o Rei!

REI. Heide salvar! (*Para um dos mouros*). Corre ver que nova temos. (*Para outro*). E tu, guarda-me a christã. (*Aponta para os quartos d'ella e o mouro sai*). Omar! que fizeste do Abbade de Lorrão e do cavalleiro preso?

OMAR. Soltei-os!

REI. E porque porta saíram de Coimbra?

OMAR (*tranquillo*). Sairam pela porta por onde vai entrar em Coimbra um Rei christão, saíram pela porta que dara liberdade á captiva christã, á amante de Ruy Dias de Bivar, á sobrinha do Abbade de Lorrão; saíram pela porta por onde hade entrar a vossa ruina!

REI (*furioso com a tranquillidade d'Omar*). Matar-vos-ei! e a ti primeiro, perfido traidor!.. (*Desembainha o alphange e corre para o velho: este recua um pouco, e com as mãos arranca as barbas: acto continuo desaperta a jaqueta moura e mostra ao Rei a fuxa preta com a divisa em letras d'ouro brilhantes — FILHOS DA NOITE — fica com um punhal na mão direita e diz para o Rei:*)

OMAR (*com toda a força e altivez*). Nem mais um passo, Rei de Coimbra!

REI (*parecendo amedrontado*). Começarei por ella!.. (*Com o alphange desembainhado sai pela direita: Omar corre ao fundo e arvora nas muralhas a bandeira que tem escondida: volta e corre para os aposentos da captiva*).

SCENA XI.

XIMENA E O REI

(*entrando pelo fundo*)

XIMENA. Salvem-me! salvem-me!..

REI (*após ella*). Não me-fugirás! Por tua causa serei criminoso!.. (*Grande alarido, ataque geral*).

SCENA XII.

OS MESMOS E OMAR.

OMAR (*entrando por onde saiu, e indo ao encontro do Rei*). Quereis victimas?!... Sim, esperai que vos não faltará que fazer!.. (*corre á porta falsa, que abre, e por onde saem*):

SCENA XIII.

OS MESMOS E O ABBADE DE LORVÃO

(*e muitos soldados que, após D. Sesnando entram pelo castello armados de lanças, espadas e broqueis: Ximenu lança-se nos braços do Abbade; o Rei sobressalta-se, e Omar, aproveitando aquelle momento de espanto, de susto, de turpor, continua*:)

OMAR. Aqui tendes mais duas!.. Vamos, Rei de Coimbra! porque paralysa o braço robusto que ameaçava dar tantas mortes?! Porque não vem esse alphange calar-me a voz na garganta? (*Sarcástico*). E' a justiça da vossa causa!

REI (*enthusiasmado*). Não quero deshonrar esta arma 'num vil renegado ! Morrerei combatendo ! E, se o meu último dia de reinar é este, não o-mancharei com vis acções que nunca jamais pratiquei ! (*Vai para sair*).

OMAR (*indo-lhe ao encontro*). Não ha aqui renegados ! Nem são os vossos crimes que vos-minaram esta ruina ! Foi a tyrannia de vossos antepassados ! Foi a crueldade de quem me-roubou a única mulher que âmei, quem vos-preparou a quêda ! Foi a crueldade d'Alboacem-Iben-Mahomet, que me-confiscou os bens que tive e me-fez padecer tormentos infernaes nas masmorras d'Africa ! Quem vos-tirou o sceptro de Coimbra ? Foram tres seculos e meio d'atrocidades, ignorancia e barbarismo, que vieram hoje fazer terminar para sempre n'estas formosas terras o dominio dos Mouros ! Não ha aqui renegados ! Ha christãos que trabalham por libertar a patria querida do pesado jugo que a opprime ! Ha homens que morrem por sua fe, e por ella soffrem até o martyrio ca 'nesta vida ! Ha, finalmente, em mim um homem que se-vingou, lavando essa nodoa aviltante feita na honra de um christão : um homem que recebestes d'Africa como um vil escravo de quem fizestes amigo, e que veio para vos-dizer : —o vosso reinado acabou !—Agora que me-julgue o ceu!.. (*Grandè batalha la fora*).

SCENA XIV.

OS MESMOS E UM MOURO.

MOURO (*entrando açodado*). Rei de Coimbra ! Vai rija a batalha ! Vinde animar os nossos que desanimam : a vossa presença pode salvar-nos ! (*O Rei sai apressado e com elle o mouro*).

SCENA XV.

OS MESMOS MENOS O REI E O MOURO.

OMAR (*para Sesnando*). Agora so me-resta pelejar, que não é 'nesta casa que se-combate a morte ! Abbade de Lor-

vão! ahí tendes vossa sobrinha; levai-a por esse caminho e adeus!... (*Sáí*).

SCENA XVI.

O ABBADE E XIMENA.

ABBADE. E's finalmente livre, minha sobrinha! acabou o teu captiveiro! Dá graças ao altissimo! (*Ximena ajoelha*). Louvado sejais, meu Deus! (*Ao fundo, da direita para a esquerda passa um trôço de homens armados, batalhando; mouros e christãos: a bandeira que está arvorada nas muralhas é derribada pelo golpe de um mouro: depois de passarem aquelles homens apparecem ao fundo, entrando pela porta da direita, D. Sesnando, que traz nos braços o velho Omar, moribundo*).

SCENA XVII.

OS MESMOS, D. SESNANDO E OMAR.

D. SESNANDO. Coragem meu thio! Aqui está Ximena e o santo Abbade de Lorvão, colhei alento... (*O Abbade e Ximena correm-lhe ao encontro: conduzem o velho que não dá signaes de vida, para um coxim sôbre que o recostam*). Meu thio, fallai-me; é Sesnando que vos-chama...

ABBADE. Que desgraça foi esta, Sesnando?

SESNANDO (*rapido*). Eis o resultado de uma lucta espantosa! Encarniçada tem sido a peleja! peleja de tremer, em que o nossos, braço a braço, corpo a corpo, tem humilhado o poder dos mouros! Eu, com um trôço dos nossos, combatia sôbre as muralhas um maior numero de infieis. Alem, em minha frente, dous homens luctavam como gigantes; eram meu thio, armado de um punhal, e o Porteiro de Lorvão que o aggreidia com um comprido alphange... Conheci-os, abri passagem pelo inimigo, mas, cheguei tarde... O corpo do perro, media a altura das muralhas, e meu thio, ferido no coração pelo alphange inimigo, tombava moribundo...

ABBADE. Grande Deus!

XIMENA (*para Omar*). Animai-vos, meu bom amigo, olhai que eu peço ao ceu por vós! Salvai-o, salvai-o, meu Deus!

OMAR (*dando signaes de vida, ergue-se um pouco, seguro pelo sobrinho e pelo Abbade, e a muito custo diz:*) É tambem chegado o meu último dia de vida... começa o meu castigo 'neste mundo... Deus... (*Expira: Ximena e Sesnando ajoelham e o Abbade diz:*)

ABBADE. Confitemini Domino, quoniam bonus: quoniam in aeternum misericordia ejus. (*Ao fundo apparece um trôço de christãos: á frente vem Ruy Dias de Bivar, com o estandarte de Castella na mão.*)

SCENA ÚLTIMA

OS MESMOS, RUY DIAS DE BIVAR E OS SOLDADOS.

RUY DIAS. Conquistámos Coimbra!

ABBADE (*indicando-lhe o morto*). E por que preço!.. (*Ximena corre ao amante: os soldados abrem allas. Sesnando, de joelhos, beija a mão do morto e chora sobre ella, e o Abbade diz:*) Queira o ceu que seja esta a última victima!..

RUY DIAS. O anjo dos combates deu-nos os louros da victoria, e aos mouros de Coimbra a morte!..

ABBADE (*designando Ruy Dias e Ximena*). A bençam do ceu vos-cubra, (*abençoa-os*) generosos amantes! (*Apontando para o morto*). Dê-vos o Senhor logar em sua morada, ja que foi mister tamanho sacrificio para lhe-conquistarmos Coimbra!

FIM DO 4.º E ÚLTIMO ACTO.



ERROS PRINCIPAES

<i>Pag.</i>	<i>linh.</i>	<i>erro</i>	<i>emenda</i>
36	7	tens	teus
38	8	invesivel	invisivel
42	11	vida	viva
58	34	cavalheiro	cavalleiro

